

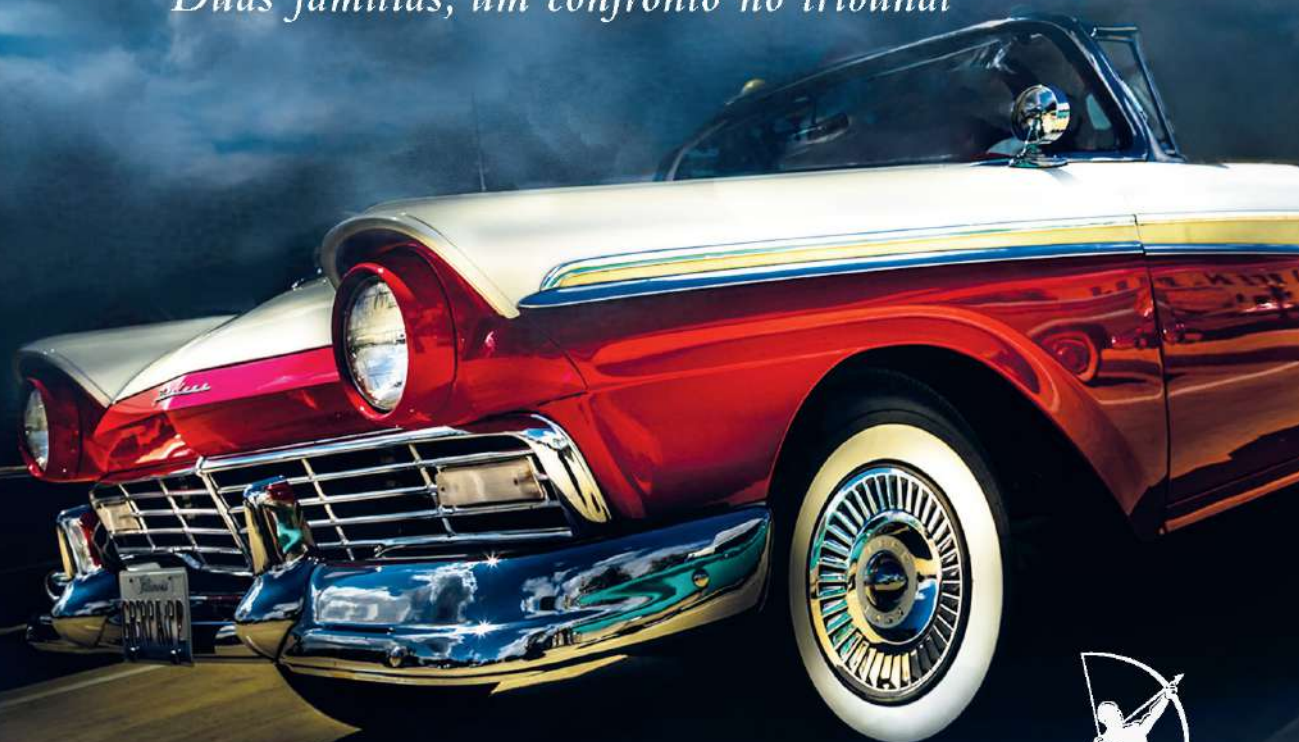
"O melhor escritor de suspense da atualidade." – KEN FOLLETT

JOHN GRISHAM



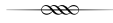
EM LADOS OPOSTOS

Duas famílias, um confronto no tribunal



ARQUEIRO

PARTE
UM



OS GAROTOS

1

Cem anos atrás, Biloxi era uma comunidade pesqueira e um popular destino de férias na Costa do Golfo. Alguns de seus doze mil habitantes trabalhavam na construção naval, outros em hotéis e restaurantes, mas a maior parte dos meios de subsistência da população vinha do oceano e de seu abundante suprimento de frutos do mar. Os trabalhadores eram imigrantes do Leste Europeu, a maioria da Croácia, e seus ancestrais tinham passado séculos pescando no mar Adriático. Os homens trabalhavam nas escunas e traineiras pescando frutos do mar no Golfo, enquanto as mulheres e crianças abriam ostras e embalavam camarões por dez centavos a hora. Havia quarenta fábricas de conservas, uma ao lado da outra, em uma área conhecida como Back Bay. Em 1925, Biloxi distribuiu vinte milhões de toneladas de frutos do mar para o resto do país. A demanda era tão grande e a oferta tão abundante que, àquela altura, a cidade já podia se orgulhar de ser a “Capital Mundial de Frutos do Mar”.

Os imigrantes moravam em alojamentos ou em minúsculas casas de madeira em Point Cadet, uma península no extremo leste de Biloxi, bem perto das praias do Golfo. Seus pais e avós eram poloneses, húngaros, tchecos e também croatas, e se adaptaram depressa aos costumes do novo país. As crianças aprenderam inglês, ensinaram o idioma aos pais e raramente falavam a língua materna em casa. A maioria de seus sobrenomes era impronunciável para os funcionários da imigração e foi americanizada no porto de Nova Orleans e na ilha Ellis. Nos cemitérios de Biloxi, havia lápides com

sobrenomes como Jurkovich, Horvat, Conovich, Kasich, Rodak, Babbich e Peranich. Foram espalhados e misturados a outros como Smith, Brown, O’Keefe, Mattina e Bellande. Os imigrantes eram unidos e se protegiam, mas já na segunda geração começaram a se casar com membros das primeiras famílias francesas a chegar ao país e com todos os tipos de cidadão dos Estados Unidos.

A Lei Seca ainda vigorava, e em todo o Extremo Sul a maioria dos batistas e metodistas seguia as regras com devoção. Ao longo da Costa, no entanto, os descendentes de europeus e católicos tinham uma visão mais vaga da abstinência. Na verdade, Biloxi nunca estava “seca”, independentemente da Décima Oitava Emenda. Quando a Lei Seca varreu o país em 1920, Biloxi mal sentiu a diferença. Seus bares, botequins, botecos com música, pubs e boates de luxo não apenas continuaram abertos, como também prosperaram. Bares secretos não eram necessários porque bebidas alcoólicas eram algo absolutamente comum, e ninguém, em especial a polícia, se importava. Biloxi tornou-se um destino popular para os sulistas que sofriam com a lei. Somando a isso as praias fascinantes, os deliciosos frutos do mar, o clima temperado e os bons hotéis, o turismo floresceu. Cem anos atrás, a Costa do Golfo ficou conhecida como “Riviera dos pobres”.

Como sempre, vícios não controlados se provaram contagiosos. O jogo juntou-se à bebida no posto de atividade ilegal mais popular. Cassinos improvisados surgiram em bares e boates. Os jogos de pôquer, blackjack e dados aconteciam a olhos vistos e podiam ser encontrados em toda parte. Nos saguões dos hotéis da moda havia fileiras de máquinas caça-níqueis em operação, em flagrante desrespeito à lei.

Os bordéis sempre existiram, mas na clandestinidade. Não em Biloxi, contudo. Lá eles eram abundantes e serviam não apenas seus clientes fiéis, mas também policiais e políticos. Muitos deles ficavam no mesmo prédio de bares e mesas de apostas, e um jovem em busca de prazer precisava, portanto, de apenas uma parada.

Embora não fossem tão amplamente disseminadas quanto sexo e bebida, drogas como maconha e heroína eram fáceis de encontrar, sobretudo em casas de shows e lounges.

Os jornalistas muitas vezes achavam difícil acreditar que tantas atividades ilegais fossem abertamente toleradas em um estado tão conservador em termos religiosos. Muitas reportagens sobre os hábitos livres e desgo-

vernados de Biloxi foram publicadas nos jornais, mas nada mudou. Ninguém com mínima autoridade parecia se importar. Predominava o clima “Biloxi é assim mesmo”. Políticos em campanha protestavam contra o crime e pastores trovejavam dos púlpitos, mas nunca houve um verdadeiro esforço para “limpar a Costa”.

O maior obstáculo enfrentado por qualquer tentativa de reforma era a corrupção de longa data da polícia e dos funcionários públicos eleitos. Os policiais e assistentes dos xerifes tinham um salário de fome e estavam mais do que dispostos a aceitar o dinheiro e fazer vista grossa. Os políticos locais eram facilmente subornados e prosperavam bastante. Todo mundo estava ganhando dinheiro, todo mundo estava se divertindo. Por que estragar algo tão bom? Ninguém obrigava ninguém a ir beber e jogar em Biloxi. Quem não gostasse dos vícios de lá podia ficar em casa ou ir para Nova Orleans. Mas quem decidia gastar seu dinheiro na cidade sabia que não seria incomodado pela polícia.

A atividade criminosa ganhou força em 1941, quando os militares construíram uma grande base de treinamento em um terreno que um dia havia sido o Country Club de Biloxi. A instalação ganhou o nome de Keesler Army Airfield, em homenagem a um herói da Primeira Guerra Mundial oriundo do Mississippi, e o nome logo se tornou sinônimo do mau comportamento protagonizado por dezenas de milhares de soldados se preparando para a guerra. A quantidade de bares, cassinos, bordéis e boates de striptease aumentou drasticamente, assim como o crime. A polícia foi inundada com reclamações de soldados: caça-níqueis fraudados, roletas manipuladas, crupiês desonestos, bebidas adulteradas e prostitutas de mão leve. Como os proprietários estavam ganhando dinheiro, reclamavam pouco, mas havia muitas brigas, agressões às funcionárias, janelas e garrafas de uísque quebradas. Como sempre, os policiais protegiam quem os pagava, e os soldados viviam entrando e saindo da cadeia. Mais de meio milhão deles passaram por Keesler a caminho da Europa e do Pacífico e, posteriormente, da Coreia e do Vietnã.

O vício em Biloxi era tão lucrativo que naturalmente atraía os já conhecidos personagens do submundo: criminosos de carreira, bandidos, contrabandistas de bebidas alcoólicas, traficantes de drogas, vigaristas, matadores de aluguel, cafetões, capangas e uma classe mais ambiciosa de senhores do crime.

No final dos anos 1950, uma divisão de uma gangue de bandidos violentos apelidada de Dixie Mafia chegou a Biloxi com planos de se estabelecer no território e assumir o comando de uma parte dos vícios. Antes dela, sempre houve competição entre os donos de boates, mas todos estavam ganhando dinheiro e a vida era boa. De vez em quando alguém era morto, e havia a intimidação de sempre, mas ninguém se esforçava de fato para assumir o controle.

Além da ambição e da violência, a Dixie Mafia tinha pouco em comum com a verdadeira *Cosa Nostra*. Não era uma família, portanto havia pouca lealdade. Seus membros – e o FBI nunca tinha certeza de quem era membro, quem não era, nem de quantos afirmavam ser – eram uma variedade de bad boys e desajustados que preferiam o crime ao trabalho honesto. Não havia organização nem hierarquia estabelecida. Nenhum *Don* no alto escalão ou capanga na base, com bandidos medianos no meio do caminho. Com o tempo, um dono de boate conseguiu consolidar seus estabelecimentos e conquistou maior influência. Ele se tornou “o Chefe”.

O que a Dixie Mafia tinha era uma propensão à violência que muitas vezes surpreendia o FBI. Ao longo de sua história, deixara para trás um número surpreendente de cadáveres, e praticamente nenhum dos homicídios foi resolvido. Havia uma só regra, um juramento de sangue rigoroso e inflexível: “Não delatarás à polícia.” Aqueles que o fizeram foram achados em valas ou jamais foram encontrados. Corria à boca pequena que determinados barcos de camarão descarregavam cadáveres a 30 quilômetros da orla, nas águas profundas e quentes do estreito do Mississippi.

Apesar da reputação de ilegalidade, o crime em Biloxi era controlado pelos donos dos estabelecimentos e vigiado de perto pela polícia. Com o tempo, o vício se concentrou praticamente em uma área principal da cidade, um trecho de um quilômetro e meio da Highway 90, ao longo da orla, conhecido como Strip. Era um lugar repleto de cassinos, bares e bordéis, e era facilmente ignorado pelos cidadãos cumpridores das leis. A vida longe dali era normal e segura. Se alguém queria arrumar confusão, era bem simples. Caso contrário, era fácil evitar. Biloxi prosperava por causa dos frutos do mar, da construção naval e civil, do turismo e em razão de uma formidável ética profissional alimentada por imigrantes e seus sonhos de uma vida melhor. A cidade construiu escolas, hospitais, igrejas, rodovias, pontes, quebra-mares, parques, instalações recreativas e tudo o mais necessário para melhorar a vida de seu povo.

2

A rivalidade começou como uma amizade entre dois garotos com muita coisa em comum.

Ambos eram netos de uma terceira geração de imigrantes croatas e nasceram e foram criados no “Point”, como Point Cadet era conhecido. As famílias moravam a duas ruas de distância uma da outra. Os pais e avós se conheciam bem. Os dois frequentavam a mesma igreja católica, as mesmas escolas, brincavam nas mesmas ruas, campinhos e praias, e pescavam com os pais no Golfo nos fins de semana de preguiça. Nasceram em 1948, com apenas um mês de diferença, filhos de jovens veteranos de guerra que se casaram com a namorada de adolescência e deram início a uma família.

Os jogos oriundos do Velho Mundo de seus antepassados tinham pouca importância em Biloxi. Os campos e quadras eram feitos para beisebol e nada mais. Como todos os meninos do Point, eles começaram a arremessar e rebater logo depois de aprenderem a andar, e vestiram com orgulho seu primeiro uniforme aos 8 anos de idade. Aos 10, as pessoas os notavam e faziam comentários.

Keith Rudy, o mais velho por 28 dias, era um arremessador canhoto que lançava forte, mas um tanto sem controle, e assustava os rebatedores com sua falta de jeito. Ele também rebatia do lado esquerdo e, quando não se encontrava no montinho, estava em qualquer lugar que os técnicos desejassem – o campo externo, a segunda ou a terceira base. Como não havia

luvas para canhotos, ele aprendeu sozinho a apanhar a bola, defender e arremessar com a mão direita.

Hugh Malco era um arremessador destro que lançava com ainda mais força e precisão. Mesmo a 14 metros de distância era assustador enfrentá-lo, e a maioria dos rebatedores de 10 anos preferia se esconder no banco de reservas. Um técnico o convenceu a rebater do lado esquerdo, partindo do princípio básico de que a maioria dos arremessadores nessa idade era destra. Babe Ruth rebatia com a esquerda, assim como Lou Gehrig e Stan Musial. Mickey Mantle, claro, era capaz de golpear de ambos os lados, mas ele era um Yankee. Hugh ouviu o técnico porque era fácil de ser treinado e queria vencer.

O beisebol era o mundo deles, e o clima quente da Costa permitia que jogassem praticamente o ano inteiro. Os times da Little League eram convocados no final de fevereiro, e os jogos começavam em meados de março, duas partidas por semana durante pelo menos doze semanas. Quando a temporada regular terminava, com o campeonato da cidade, o beisebol de verdade começava com o Jogo das Estrelas da Major League. Biloxi dominava as eliminatórias estaduais, e todos esperavam que avançasse para o torneio regional. Até então, nenhuma equipe havia chegado a Williamsport para a grande final, mas o otimismo aumentava a cada ano.

A igreja era importante, ao menos para seus pais e avós, mas para os meninos a verdadeira instituição era o Cardinals. Não havia times profissionais de ligas importantes no Extremo Sul. A KMOX, estação de rádio de St. Louis, transmitia todos os jogos, com Harry Caray e Jack Buck, e os meninos conheciam os jogadores do Cardinals, suas posições, estatísticas, cidade natal e seus pontos fortes e fracos. Ouviam todos os jogos, recortavam os resultados das partidas do *Gulf Coast Register* e depois passavam horas nos montinhos repetindo cada entrada. Todo e qualquer centavo que sobrava era economizado para comprar cartões de beisebol, e o comércio era um negócio sério. A Topps era a marca preferida, principalmente porque o chiclete durava mais.

Quando chegava o verão, junto com as férias escolares, as ruas do Point ficavam cheias de crianças jogando corkball, kickball, wiffle ball e uma dezena de outras variações do esporte. Os meninos mais velhos comandavam os campinhos do bairro e os campos da Little League, onde escolhiam os times e passavam horas jogando. Nos bons tempos, iam para casa, to-

mavam banho, comiam alguma coisa, descansavam os braços e pernas exaustos, vestiam o uniforme e voltavam apressados aos campos para jogos de verdade, que atraíam multidões de familiares e amigos. No final da tarde e no início da noite, já com as luzes acesas, os meninos jogavam sério e corriam de um lado para outro no campo. Gostavam dos aplausos dos fãs e repreendiam uns aos outros sem piedade. Um erro trazia uma avalanche de vaias. Um home run silenciava a arquibancada adversária. Um arremessador forte no montinho deixava qualquer oponente emburrado. Reagir a uma má decisão de um árbitro era proibido, pelo menos para os jogadores, mas para os torcedores não havia restrições. E em toda parte, nas arquibancadas, nos estacionamento, até mesmo no banco de reservas, rádios transmitiam a narração da KMOX, e todos sabiam o placar do Cardinals.

Aos 12 anos, Keith e Hugh passaram por temporadas incríveis. Keith jogou por um time patrocinado pela DeJean Packing, enquanto Hugh jogou por um patrocinado pela Shorty's Shell. Eles dominaram a temporada, e cada time perdeu apenas uma vez, para o outro, por uma corrida. Em um golpe de sorte, o time da DeJean Packing chegou ao campeonato municipal, durante o qual massacrou um time de West Biloxi. Keith arremessou todas as seis entradas, desistiu de duas corridas, foi atrás de quatro e fez dois home runs. Ele e Hugh foram escolhas unânimes para o Time das Estrelas de Biloxi e, pela primeira vez, foram companheiros oficiais de equipe, embora tenham jogado juntos em inúmeras partidas no campinho.

Com Hugh atirando pela direita e Keith aterrorizando os rebatedores pela esquerda, Biloxi era o grande favorito para vencer mais um campeonato estadual. Depois de uma semana de treinos, os técnicos encheram três caminhonetes com seus times para a viagem de vinte minutos a oeste pela Highway 90 até o torneio estadual em Gulfport. Centenas de fãs seguiram em uma caravana barulhenta.

O torneio foi dominado por times do sul do estado: Biloxi, Gulfport, Pascagoula, Pass Christian e Hattiesburg. No primeiro jogo contra o Vicksburg, Keith fez um one-hitter – uma sequência de arremessos – e Hugh acertou um grand slam. No segundo jogo, Hugh fez um one-hitter e Keith retribuiu o favor com dois home runs. Em cinco jogos, o Biloxi marcou 36 corridas, desistiu de apenas quatro e saiu com o título estadual. A cidade comemorou e mandou os meninos para Pensacola com uma festa. O nível seguinte

da competição eram outros quinhentos, porque quem os aguardava eram as equipes da Flórida.

Nada deixava os garotos mais animados do que uma viagem de carro, com hotéis de beira de estrada, piscinas e restaurantes. Hugh e Keith dividiram o mesmo quarto e foram, disparados, os melhores da equipe, tendo sido nomeados cocapitães por seus técnicos. Eram inseparáveis, dentro e fora de campo, e todas as atividades giravam em torno dos dois. Durante os jogos, eram competidores ferrenhos e líderes de torcida, sempre incentivando os outros a jogar com inteligência, a ouvir os técnicos, a evitar erros e a estudar o jogo. Fora de campo, faziam reuniões de equipe, pregavam peças, aprovavam apelidos, decidiam a quais filmes assistir, quais restaurantes frequentar e apoiavam os companheiros que ficavam no banco.

Na primeira partida, Hugh desistiu de quatro rebatidas, e o Biloxi venceu um time de Mobile, campeão estadual do Alabama. Na segunda, Keith estava mais fora de controle do que nunca e fez oito walks antes de ser substituído na quarta entrada; o Biloxi perdeu para um time de Jacksonville por três corridas. Dois dias depois, um time de Tampa marcou quatro corridas contra Hugh no final da sexta entrada e saiu com a vitória.

A temporada chegou ao fim. Os sonhos de jogar na Little League World Series em Williamsport foram mais uma vez destruídos pelo estado da Flórida. A equipe voltou para o hotel para se recuperar da derrota, mas logo os meninos estavam pulando na piscina e tentando chamar a atenção de algumas garotas mais velhas de biquíni.

Os pais assistiam debaixo de guarda-sóis à beira da piscina e desfrutavam de coquetéis. Uma longa temporada finalmente havia acabado, e eles estavam ansiosos para voltar para casa e terminar o verão sem o incômodo das partidas diárias de beisebol. Quase todos os pais estavam lá, acompanhados de outros parentes e alguns fãs inveterados do Biloxi. Alguns eram amigos próximos, outros apenas conhecidos. A maioria era do Point e se conhecia bem, e a solidariedade entre eles estava um pouco abalada.

Os pais de Hugh, Lance e Carmen Malco, estavam se sentindo um pouco rejeitados, e por um bom motivo.

3

Quando o avô de Hugh desceu do barco em Nova Orleans em 1912, tinha 16 anos e mal falava inglês. Sabia pronunciar “Biloxi”, e isso era tudo de que o funcionário da imigração precisava. Os barcos estavam cheios de imigrantes do Leste Europeu, muitos com parentes ao longo da costa do Mississippi, e o serviço de imigração ansiava por juntar aquela gente e mandar todo mundo para outro lugar. Biloxi era um dos destinos favoritos.

O nome do garoto, na Croácia, era Oron Malokovic, mais um difícil de pronunciar. Alguns funcionários eram pacientes e faziam o trabalho entediante de registrar os nomes corretamente. Outros eram apressados, impacientes ou indiferentes, ou talvez achassem que estavam fazendo um favor ao imigrante ao lhe dar um novo nome que pudesse ajudá-lo a se adaptar com maior facilidade ao novo país. No fundo, alguns dos nomes de “lá” eram difíceis de pronunciar para os falantes de inglês. Nova Orleans e a Costa do Golfo tinham uma vasta história de domínio francês e espanhol, e, por volta de 1800, os dois idiomas haviam se fundido facilmente ao inglês. Mas as línguas eslavas carregadas de consoantes eram outra questão.

De todo modo, Oron se tornou Aaron Malco, uma identidade que ele abraçou com relutância, mas não havia escolha. Armado com a nova papelada, correu para Biloxi, onde um parente arranhou um quarto em um alojamento e um emprego abrindo ostras em uma “casa de ostras”. Como seus compatriotas, ele ganhava a vida trabalhando o máximo de horas pos-

sível e economizava alguns trocados. Depois de dois anos, arranhou um emprego melhor construindo escunas em um estaleiro na Back Bay, em Biloxi. O trabalho pagava mais, ainda que fosse fisicamente exigente. Já crescido, Aaron tinha mais de 1,80 metro de altura, ombros largos e carregava vigas de madeira maciça que em geral exigiam dois ou três outros homens. Era querido pelos chefes e ganhou sua própria equipe, bem como um aumento. Aos 19 anos, recebia 50 centavos por hora, um salário alto, e trabalhava quantas horas a empresa lhe oferecesse.

Quando tinha 20 anos, Aaron se casou com Lida Simonovich, uma jovem croata de 17 que tivera a sorte de nascer nos Estados Unidos. A mãe dera à luz dois meses depois que ela e o marido chegaram de barco da Europa. Lida trabalhava em uma fábrica de conservas e nas horas vagas ajudava a mãe, costureira. O jovem casal mudou-se para uma casinha de madeira alugada no Point, onde viviam cercados por familiares e amigos, todos da Europa.

Seus sonhos foram frustrados oito meses após o casamento, quando Aaron caiu de um andaime. O braço e a perna quebrados se resolveriam, mas as vértebras esmagadas na base da coluna o deixaram praticamente sem mexer as pernas. Durante meses, ele convalesceu em casa e lentamente recuperou a capacidade de andar. Sem trabalho, o casal sobrevivia com o apoio irrestrito da família e dos vizinhos. As refeições eram fartas, o aluguel era pago, e o pároco, padre Herbert, aparecia todos os dias para rezar, tanto em inglês quanto em croata. Com a ajuda de uma bengala, que jamais seria capaz de abandonar por completo, apesar de seus esforços heroicos, Aaron iniciou a difícil tarefa de procurar trabalho.

Um primo distante era dono de uma das três mercearias de esquina no Point. Ele teve pena de Aaron e ofereceu-lhe um emprego: ficaria responsável por varrer o chão, estocar mercadorias e vez ou outra operar a caixa registradora. Em pouco tempo, Aaron estava administrando o local e os negócios haviam melhorado. Ele conhecia todos os clientes, seus filhos e avós, e faria qualquer coisa para ajudar uma pessoa necessitada. Atualizou o estoque, parou de vender itens que não tinham saída e expandiu a loja. Mesmo quando a mercearia estava fechada, buscava itens para os clientes e os entregava em domicílio usando uma bicicleta antiga. Com Aaron no comando, seu chefe decidiu abrir um armazém de secos e molhados a dois quarteirões de distância.

Aaron viu uma oportunidade com outra expansão. Convenceu seu chefe a alugar o estabelecimento ao lado e abrir um bar. Era 1920, o país estava nas garras da Lei Seca e os imigrantes católicos em Biloxi estavam com mais sede do que nunca. Aaron fez um acordo com um contrabandista local e abasteceu o bar com uma variedade impressionante de cervejas, inclusive algumas da Europa, e uma dúzia de marcas de uísques irlandeses populares.

Ele abria a mercearia todas as manhãs ao nascer do sol e oferecia café forte e doces croatas aos pescadores e funcionários da fábrica de conservas. Tarde da noite, Lida assava uma bandeja de *krostules*, uma massa frita em óleo polvilhada com açúcar de confeiteiro, costume que a tornou, junto com o marido, imensamente populares entre os clientes que chegavam cedo. Durante as manhãs, Aaron andava apressado com sua bengala de um lado para outro, trabalhando no balcão, cortando carnes, estocando prateleiras, varrendo o chão e atendendo aos pedidos de seus clientes. No final da tarde, abria o bar e recebia os frequentadores. Quando não estava servindo bebidas, voltava correndo para a loja, que fechava após o último cliente ir embora, geralmente por volta das sete. A partir de então, ficava atrás do bar servindo bebidas, batendo papo com os amigos, contando piadas e espalhando fofocas. Geralmente fechava por volta das onze, quando o último turno de trabalhadores da fábrica de conservas finalmente encerrava a noite.

Em 1922, Lida e Aaron deram as boas-vindas ao primeiro filho e o batizaram com um nome norte-americano, Lance. Uma filha e outro filho logo vieram a seguir. A casinha de madeira estava lotada, e Aaron convenceu seu chefe a alugar para ele um espaço que ficava em cima do bar e da mercearia. A família se mudou enquanto uma equipe de carpinteiros erguia paredes e construía uma cozinha. Os dias de dezesseis horas de Aaron tornaram-se ainda mais longos. Lida largou o emprego para cuidar da família e também para trabalhar na mercearia.

No ano de 1925, seu chefe morreu repentinamente por conta de um infarto. Aaron não gostava da viúva e não via futuro sob o controle dela. Ele a convenceu a lhe vender o bar e a mercearia e, por mil dólares em dinheiro e uma nota promissória, tornou-se o proprietário. A nota foi paga em dois anos, e Aaron abriu outro bar no lado oeste do Point. Com dois bares populares e uma mercearia movimentada, os Malcos tornaram-se

mais prósperos do que a maioria das famílias de imigrantes, embora não aparentassem. Trabalhavam mais do que nunca, economizavam dinheiro, continuaram morando no mesmo apartamento em cima da mercearia e tocavam a vida como imigrantes frugais e comedidos. Sempre ajudavam os outros, e Aaron costumava fazer pequenos empréstimos a amigos quando os bancos lhes diziam não. Eram generosos com a igreja e nunca faltavam à missa dominical.

Os filhos começaram a trabalhar na loja assim que tiveram idade suficiente. Aos 7 anos, Lance era uma presença constante no Point, pedalando sua bicicleta com uma cesta cheia de mantimentos para entrega em domicílio. Aos 10, deslizava garrafas de cerveja geladas por cima do balcão e ficava de olho nos clientes.

No início de sua carreira empresarial, Aaron testemunhou o lado negativo do jogo e não quis fazer parte dele. Ilegalidades à parte, optou por não permitir jogos de cartas e dados em uma sala nos fundos do bar. A tentação estava sempre presente, e alguns de seus clientes reclamavam, mas ele se manteve firme. O padre Herbert aprovava a decisão.

A Crise de 1929 desacelerou o setor de frutos do mar, mas Biloxi resistiu melhor do que o resto do país. Camarões e ostras ainda eram abundantes, e as pessoas tinham o que comer. O turismo sofreu um baque, mas as fábricas de conservas continuaram a funcionar, embora a um ritmo mais lento. No Point, os trabalhadores perderam seus empregos e ficaram com os aluguéis atrasados. Sem alarde, Aaron assumiu as hipotecas de dezenas de casas e tornou-se proprietário delas. Ele aceitava notas promissórias como pagamento de aluguéis vencidos e geralmente se esquecia disso. Ninguém que morasse em uma casa dos Malcos jamais foi despejado.

Quando Lance terminou o ensino médio, na Biloxi High, flertou com a ideia de ir para a faculdade. Aaron não gostou disso, porque precisava dos filhos nos negócios da família. Lance frequentou um curso técnico perto dali, e não foi nenhuma surpresa quando mostrou aptidão para negócios e finanças. Seus professores o encorajaram a prosseguir os estudos em uma faculdade estadual próxima, em Hattiesburg, e, embora ele alimentasse tal sonho, tinha medo de mencioná-lo ao pai.

A guerra interveio, e Lance abandonou a ideia de se aprofundar nos estudos. Um dia depois do ataque a Pearl Harbor, ele se juntou aos fuzileiros navais e deixou seu lar pela primeira vez. Embarcou com a Primeira Divi-

são de Infantaria e se envolveu em inúmeras batalhas no Norte da África. Em 1944, desembarcou com a primeira leva em Anzio quando os Aliados invadiram a Itália. Como falava croata, ele e uma centena de outros foram enviados ao Leste Europeu, para onde os alemães estavam fugindo. No início de 1945, pisou na Croácia, o local de nascimento do pai e dos avós, e escreveu a Aaron uma longa carta descrevendo a terra devastada pela guerra. Ela terminava com: *“Obrigado, pai, por ter tido coragem de ir embora de casa e buscar uma vida melhor nos Estados Unidos.”* Aaron chorou ao ler a carta do filho e depois a compartilhou com os amigos e com a família de Lida.

Enquanto os Aliados perseguiam os alemães para o oeste, Lance lutou na Hungria e na Polônia. Dois dias após a libertação de Auschwitz, ele e seu pelotão caminharam pelas estradas de terra do campo de concentração e assistiram, com espanto e descrença, a centenas de cadáveres esqueléticos sendo enterrados em valas comuns. Três meses após a rendição dos alemães, Lance voltou a Biloxi, sem ferimentos, mas com memórias tão horripilantes que jurou esquecê-las.

Em 1947, casou-se com Carmen Coscia, uma italiana que conhecera na escola. Como presente de casamento, Aaron deu a eles uma casa no Point, em uma nova região com imóveis mais bonitos que estavam sendo construídos para veteranos. Lance naturalmente assumiu seu papel nos negócios de Aaron e deixou a guerra para trás, mas vivia inquieto e entediado com a mercearia e os bares. Era ambicioso e queria ganhar dinheiro de verdade com o jogo. Aaron continuava se opondo firmemente a isso, e pai e filho tiveram divergências.

Treze meses após o casamento, Carmen deu à luz Hugh, e a família ficou em êxtase com o início de uma nova geração. Os bebês estavam surgindo em todo o Point, e o padre Herbert vivia ocupado com a enxurrada de batizados. As famílias jovens cresciam, e os mais velhos comemoravam. A vida no Point nunca fora tão boa.

Biloxi era próspera de novo, e os negócios de frutos do mar prosperavam cada vez mais. Hotéis de luxo foram construídos nas praias conforme o turismo se recuperava. O Exército decidiu manter Keesler como base de treinamento, garantindo assim um suprimento constante de jovens soldados em busca de diversão. Mais bares, cassinos e bordéis foram abertos, e a Strip ficou ainda mais movimentada. Como era de costume, a polícia e

os políticos pegavam o dinheiro e faziam vista grossa. Quando o hotel em estilo art déco Broadwater Beach foi inaugurado, o saguão estava tomado de fileiras de máquinas caça-níqueis novinhas em folha, compradas de um corretor em Las Vegas, e ainda completamente ilegais.

Como pai, Lance tentava conter suas ambições de mergulhar mais fundo no vício. Além disso, Aaron ainda estava no total controle e levava a sério sua reputação. Os negócios da família mudaram de forma drástica em 1950, quando o patriarca morreu repentinamente de pneumonia aos 54 anos. Como não deixou testamento, seus bens foram divididos em quatro partes iguais entre Lida e os três filhos. A mulher ficou transtornada e caiu em uma longa e debilitante depressão. Lance e seus dois irmãos brigaram pelas propriedades da família, e uma séria rixa teve início. Os três duelaram por anos, para desgosto da mãe. À medida que a saúde dela piorava, Lance, seu primogênito e favorito desde sempre, a convenceu a assinar um testamento que o deixava no controle dos bens. Isso foi mantido em segredo até a morte dela. Quando a irmã e o irmão leram o documento, ameaçaram entrar com um processo, mas Lance resolveu a disputa oferecendo a cada um a quantia de 5 mil dólares em dinheiro vivo. O irmão pegou o dinheiro e deixou a Costa. A irmã se casou com um médico e mudou-se para Nova Orleans.

Apesar do drama familiar e do fato de Lance ter conseguido passar a perna nos irmãos, ele e Carmen continuaram a ser bem vistos no Point. Viviam de forma modesta, embora pudessem pagar por algo melhor, e eram ativos e generosos. Eram os maiores contribuintes da igreja de St. Michael e de seus programas de extensão, e nunca deixaram de ajudar os menos afortunados. Lance era até admirado por alguns, considerado o Malco mais esperto e que estava disposto a qualquer coisa para ganhar dinheiro.

Longe do Point, porém, o homem vinha cedendo às suas ambições. Como sócio-fantasma, comprou uma boate e transformou metade dela em um cassino. A outra metade era um bar com bebidas aguadas e caras pelas quais os soldados ficavam mais do que felizes em pagar, principalmente quando servidas por garçonetes bonitas em roupas reveladoras. Os quartos do andar de cima eram alugados por meia hora. Os negócios iam tão bem que Lance e seu sócio abriram outra boate, maior e mais bonita. Eles lhe deram o nome de Red Velvet e ergueram um berrante letreiro em néon, o mais brilhante da Highway 90. Assim nasceu a Strip.

Carmen se aposentou da loja e se tornou mãe em tempo integral. Lance trabalhava longos dias e noites e estava sempre ausente, mas Carmen mantinha o lar unido e adorava os três filhos. Ela desaprovava as aventuras do marido no mundo da clandestinidade, mas raramente discutiam sobre as boates. O dinheiro era bom, e eles ganhavam mais do que a maioria das pessoas no Point. Reclamar não surtiria efeito. Lance era das antigas, seu pai vinha da Croácia; o homem governava a casa com mão de ferro, e a mulher criava os filhos. Carmen aceitava seu papel sem reclamar.

Talvez seus momentos mais felizes tenham sido nos campos de beisebol. O jovem Hugh se tornou um excelente jogador aos 8 anos de idade e melhorava a cada ano. Durante a escalação anual, o garoto era a primeira opção de todos os técnicos. Aos 10, foi escolhido para a liga de 12 anos, uma raridade. Igual a ele havia apenas um: seu amigo Keith Rudy.

CONHEÇA OS LIVROS DE JOHN GRISHAM

Justiça a qualquer preço

O homem inocente

A firma

Cartada final

O Dossiê Pelicano

Acerto de contas

Tempo de matar

Tempo de perdoar

O júri

A lista do juiz

Em lados opostos

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

